

Dólar e ouro refletem a situação da economia

CORREIO BRAZILIENSE

* 4 JAN 1992

Brasil

Rio — Os efeitos da política econômica adotada pelo Governo são percebidos em vários setores, indiscriminadamente. E, porém, no mercado financeiro, especificamente no comportamento dos ativos de risco — ouro e dólar, que se torna mais fácil identificar seus efeitos, positivos e negativos, pois são sensíveis a qualquer alteração no cenário econômico. O menor índice de alguma nova medida é suficiente para provocar uma corrida a esses ativos, que refletem com nitidez as expectativas da comunidade financeira.

“Ouro e black funcionam como antídoto certo para pacotes econômicos de qualquer espécie. Outros investimentos podem apresentar excelente rentabilidade, mas não podem ser considerados livres de intervenções estatais. Nem mesmo a Caderneta de Poupança é confiável”, afirma o diretor de uma consultoria carioca, que garante que sempre aconselha a seus clientes a manter uma parte do dinheiro investido em ouro e dólar, mesmo que venham registrando valorização inferior a outras aplicações. Ele começou a adotar esse procedimento a partir do Plano Collor I, quando a equipe da ex-ministra Zélia confiscou o dinheiro das aplicações financeiras, inclusive das cadernetas. “Insisto na conveniência de dividir os investimentos, inclusive em ouro e dólar. Nunca se sabe o que vem pela frente, no Brasil”, diz.

Opções — Ele lembra três momentos críticos da economia, em 1991, nos quais os investido-



res foram prejudicados: “O Plano Collor II e o congelamento no final de janeiro, a mididesvalorização de setembro e a saída do Banco Central no mercado de ouro”. Todos ficaram perdidos sem saber exatamente para onde se dirigir, qual a melhor opção de investimento ou onde colocar o dinheiro. “A única saída segura foi comprar dólares, na época do congelamento”. Ele admite, entretanto, que nas outras situações citadas, nem mesmo o ouro e dólar foram opções atraentes.

Especialistas em câmbio e doleiros concordam que o comportamento do dólar paralelo é um bom termômetro para medir os reflexos da política no mercado. A cada novo congelamento de preços e salários, a demanda pelo

black aumenta automaticamente, na real proporção em que diminuem os depósitos em contas correntes e cadernetas de poupança, assim como em todas as demais aplicações. Historicamente, um congelamento vem sempre acompanhado de alguma novidade para o setor bancário.

Controle — Nessas ocasiões, os preços do dólar paralelo e do ouro sobem rapidamente. “No último congelamento isso não ocorreu, porque o Governo resolveu atrelar a política monetária à política cambial, controlando os preços do black através da venda de ouro, mantendo assim o ágio no patamar de 12 por cento”, comenta um cambista, acrescentando, porém, que a procura pelo black nos primeiros meses do ano passado foi muito maior que o movimento do mesmo período de 1990.

Já em setembro, com a mididesvalorização do cruzeiro, os preços do dólar paralelo subiram, mas bem menos do que era esperado. A explicação dos doleiros é simples. Eles acreditam que os investidores entenderam que a moeda estava cara, e aquele não era o momento ideal para compra. Em contrapartida, os exportadores e importadores — que utilizam as cotações do dólar comercial para operarem — viram subitamente o quadro em que trabalhavam se modificar.

Há consenso no mercado financeiro de que, atualmente, o comportamento do ouro e do black sinalizam uma estabilidade na economia, ainda que precária e momentânea.